

CADERNOS FRANCISCANOS
Centro Franciscano de Formação

R. Santa Rita Durão, 888 - Cep. 30140-111 - BH - MG
ANO XXV-1999-No.4-FASC.148-FONE:(031)261-5461

***VIDA DE LUQUÉSIO
E BUONADONA***

(O PRIMEIRO CASAL FRANCISCANO NOS ALTARES)

FREI URBANO PLENTZ



A VIDA DO BEM-AVENTURADO LUQUÉSIO

1. INFÂNCIA E JUVENTUDE.

Muito pouca coisa se sabe da infância de Lúcio ou Luquésio. Nem seus pais são conhecidos e nem se sabe ao certo a data de seu nascimento. Os seus biógrafos dizem que deve ter sido em 1181 ou 1182.

Nasceu em Gaggiano, ou Castro Bonício, na Etrúria. Como jovem sonhava com armas e a glória militar. Queria tornar-se famoso, como um grande e célebre cavaleiro.

Além de ser contemporâneo de São Francisco, era apenas um ano mais velho do que ele. E vários autores acham que eles se conheceram na juventude. E até existem autores que acham serem Luquésio e sua esposa os primeiros terciários. Isso, no entanto, não tem comprovação histórica.

Um autor atual afirma:

-“Essa tradição, de que eles foram os primeiríssimos terciários franciscanos, não é certa. Para alguns eles foram os primeiros a alcançar a glória do altar, pois em Poggibonsi o culto do bem-aventurado Luquésio e da bem-aventurada Buonadona começou logo depois da morte deles”(Pe.Giuliano Ferrini ofm, “Un Santo al Giorno”, 4ª edição 1995, pág.143).

Os pais de Luquésio eram agricultores. Por isso, os poucos biógrafos do pioneiro da O.F.S. supõem que ele tenha ajudado o pai no trabalho do campo. Que ele tenha lavrado a terra com os bois, ajudando na colheita, colhendo as azeitonas, o trigo e outros produtos do campo.

Casou-se com Buonadona, natural de Poggibonsi. Ela “era tão bela quanto inteligente e compartilhava seus gostos e ambições”(Omer Englebert, “Vida de São Franciscano de Assis”, Santiago de Chile 1973, pág.315).

E Omer Englebert diz também que “sua vida não era muito edificante, pois, como comerciante de trigo, o comprava barato em tempo de abundância e o escondia para vendê-lo muito mais caro em tempo de escassez”.(ibid.).

Com este seu comércio, nada honesto, e em tudo apoiado pela esposa, tornaram-se ricos. Os autores que falam sobre Luquésio, acentuam este aspecto de sua ganância:

“A princípio ele foi um homem bruto e ávido de dinheiro” (Johannes Joergensen, “São Francisco de Assis”, Vozes 1982, pág.256).



2. O COMERCIANTE DESONESTO

Luquésio era espertalhão no comércio. Pouco ou nada escrupuloso, enganava as pessoas onde podia e via o seu negócio prosperando de vento em popa.

Além de tudo era criativo, e sabia ver o que poderia dar bons lucros. Assim entrou até em próspero negócio com câmbio. Naquele tempo cada pequena república tinha sua própria moeda. E ela só valia dentro do território da respectiva república. Por isso, para qualquer compra ou negócio em uma das outras repúblicas, precisava-se trocar moedas. E Luquésio soube explorar muito bem esse novo filão. Trocava moedas até para os comerciantes que iam para

a França e para o Oriente. E também nessa atividade sabia os "bons trambiques".

Tirava as suas vantagens até da situação política. De acordo com as conveniências "mudava de lado". Naquele tempo havia as lutas horríveis entre Gibelinos (o partido do imperador da Alemanha) e os Güelfos (partido do Papa). Luquésio, no princípio, pertenceu aos Gibelinos, para ter vantagens comerciais. Depois, de novo por conveniência comercial, passou para os Güelfos.

E essas lutas eram terríveis! Para ter uma idéia de sua gravidade, basta ouvir a execração do grande São Bernardino de Sena dessas lutas fratricidas:

"Senhores e senhoras, ouvi a oração que vou fazer pela alma de meu pai, de minha mãe e de meus parentes: Senhor Jesus Cristo, peço-Te que, se meu pai, minha mãe ou algum dos meus parentes morreu pertencendo a algum destes dois partidos de que falo, nenhuma missa valha por sua alma, nenhuma de minhas orações lhes seja útil. Peço-Te ainda, Senhor, que, se algum deles lhes pertenceu até à morte e não se confessou, mil demônios tenham sua alma e que jamais haja redenção para ele" ("Sancti Bernardini Opera", tom III, pág.28).

Assim pode-se avaliar a falta de consciência de Luquésio, mudando para um e depois para outro desses partidos, só para ter vantagens comerciais. Visava apenas os seus lucros.

Mas num certo momento deu-se mal com suas negociatas irresponsáveis. Levou um agricultor à ruína. E quando se encontrou com ele na rua, o agricultor começou a injuriá-lo:

-Você é explorador! Como é que ainda é capaz de achar-se justo diante de Deus? Você é um assassino sem consciência! Deixou-me arruinado, sem ter o que comer!

Parece que isso lhe doeu na consciência. Talvez fosse a primeira sacudida que a graça de Deus realizou nele! O certo é que ele, com sua mulher e seus dois filhos, mudou-se para Poggibonsi, a terra natal de sua esposa. Mas lá reabriu o seu negócio, e continuou no seu velho estilo desonesto!



3. A CONVERSÃO DE LUQUÉSIO.

É opinião corrente dizendo que Luquésio conhecia Francisco desde a sua mocidade. Até há quem diga que eles eram amigos: - "Era amigo de Francisco em seus anos de mocidade" (Omer Englebert, op.cit., pág.315).

Um dia aconteceu que, Francisco chegou a Poggibonsi. A fama dele de **santo** já corria solta. Por isso todo mundo foi à praça para vê-lo e ouvi-lo falar. Dizem os autores que, como era seu costume, o assisiense **falou**

sobre a paz e a penitência. Principalmente sobre a penitência. Talvez falasse mais ou menos o seguinte:

- "Bem-aventurados os que morrerem na penitência, porque estarão no reino dos céus.

Ai daqueles que não morrerem na penitência, porque são filhos do diabo, cujas obras fazem, e irão para o fogo eterno.

Vigiai e preservai-vos de todo o mal e perseverai no bem até o fim!" (Rnb 21, 7-10).

- "Satanás quer cegar o coração do homem por



Luquesio encontra São Francisco

meio das solitudes e negócios mundano e nele habitar...

Mas nós devemos preparar sempre, dentro de nós, uma morada permanente para Deus, pois Ele é o Senhor e Deus todo-poderoso...

Por isso perseveremos todos na verdadeira fé e penitência, porque, de outra forma, ninguém poderá salvar-se" (Rnb 22, 18 e 24; 23, 22).

Depois de ouvir as palavras de Francisco, Luquésio mergulhou num longo silêncio. Enquanto Buonadona conversava com um grupo de senhoras, o marido meditava profundamente no sentido do sermão. Francisco chegou a mexer com suas estruturas íntimas. Começou a ver o absurdo de sua situação diante de Deus.

De repente a esposa lhe pergunta:

Como é, meu bem, vamos para casa?

Luquésio, lentamente, foi levantando a cabeça. Ai ela viu que ele chorava. Olhou muito ternamente para ela, mas não conseguiu dizer nada... As lágrimas corriam!

Então ela, preocupada, pergunta:

- O que foi, meu bem? O que está sentindo?

Ele continua a olhar, querendo falar com os olhos rasos de lágrimas. De repente abre a boca, mas as palavras não saem! E ela, cada vez mais preocupada, insiste:

-Não se está sentindo bem? O que está acontecendo?

A muito custo, Luquésio abre de novo a boca e consegue dizer:

Meu bem, você lembra o encontro de Zaqueu com Cristo?... Eu sou muito pior do que Zaqueu!

-Mas o que houve agora? Francisco nem falou em Zaqueu!

-Não falou! E, no entanto, me fez lembrar de todas as palavras de Zaqueu:

- "Senhor, doravante **darei a metade dos meus bens** aos pobres e, se eu tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo"(Lc.19,8).

-Meu bem, já pensou que toda a nossa fortuna é fruto de desonestidades. Nem adianta "dar a metade dos nossos bens". Precisamos agora dar **tudo** aos pobres! É preciso mudar de vida! Mudar totalmente! Começar uma vida de penitência!

-Luquésio, você enlouqueceu? Como é que nós poderíamos dar tudo aos pobres? De que iríamos viver, nós mesmos e nossos filhos? Explique-me!

-Minha querida esposa, é preciso confiar muito em Deus. Ele não nos deixará faltar nada!

Buonadona, preocupada, foi com Luquésio para casa. Como sempre, de braços dados. Conversaram pouco. Mas ela, olhando muito para ele. E claro, sem entender o que se passava no íntimo de seu marido.

No dia seguinte aconteceu algo ainda mais incompreensível para ela. O marido encheu um saco de moedas e foi para a rua. Começou a procurar os seus fregueses e a cada um dava um monte de dinheiro! Estes também não entendiam o que estava acontecendo!

Perto do meio dia Luquésio voltou. Sorridente e feliz. E foi logo dizendo à esposa, com o rosto todo iluminado:

-Hoje estou feliz! Muito feliz!

E Buonadona, muito aflita, pergunta:

-Mas o que está acontecendo, meu bem? Você enlouqueceu? Vai jogar todo o nosso dinheiro fora?

-Não, querida, estou restituindo a quem ele pertence!

E agora, de tarde, vou sair de novo. Ainda falta restituirmos muita coisa. Não podemos ficar com o que foi injustamente adquirido!

-Mas é preciso dar tanta coisa? Vai dar tudo?

Luquésio olhou para a esposa com o rosto iluminado. Deu-lhe um beijo muito carinhoso, e saiu de novo com a ascola cheia de moedas! Mas antes de sair disse a ela:

-Minha querida esposa, lembre o sentido de seu nome. Você é Buona, que significa **boa**. Vamos ser bons com os pobres. Eu estou agindo em **nosso nome**, meu e seu! E foi saindo...

A conversa na cidade era uma só: a atitude "diferente" de Luquésio. Alguns diziam que ele tinha "pirado"; outros diziam que ele se tinha convertido. Mas o fato era que ninguém entendia o modo de agir do comerciante Luquésio!

Depois da distribuição do dinheiro, começou a distribuir, cada dia, pão para os pobres. Carregava uns dois ou três grandes sacos de pão num burrinho e andava pela cidade, procurando as casinhas dos pobres e distribuía o pão entre todos eles. Sua maior alegria era ver a alegria dos pobres, ao receberem um pouco de pão.



4. A CONVERSÃO DE BUONADONA

Luquésio progredia no caminho da vida de penitência. Continuava a sua distribuição diária de pão e alimentos para os pobres. Quando o dinheiro foi diminuindo, começou a vender as suas propriedades. Ficou só com a casa e uma pequena porção de terra, uns 4 hectares. E nesta terrazinha começou a cultivar verduras e outros gêneros alimentícios. E tudo era para dar aos pobres.

Buonadona foi-se conformando com os "exageros" do marido, como ela costumava dizer. No entanto, estava seriamente preocupada com o futuro da família. Às vezes dizia ao marido:

-Meu bem, se você continuar desse jeito, aonde é que vamos parar? Como vai ser o nosso futuro?

-Ô querida, precisamos confiar em Deus! Ele não se deixa vencer em generosidade! É "o doador de toda dádiva boa e de todo dom perfeito"(Tiago 1,17). Pode ficar tranqüila, porque nunca nos faltará nada!

Buonadona tentou aparentar calma. De fato, no seu íntimo, continuava preocupada. Ainda não estava em condições espirituais para entender tudo que se passava com o marido.

Num certo dia, em que Luquésio vendeu mais algumas coisas da casa, Buonadona já não se conteve mais e disse:

-Quer ir morar com os mendigos? Ou vai partir para Jerusalém, com os cruzados? Tudo indica que sim. Lembre-se que temos dois filhos para alimentar! Ou

quer que qualquer dia eles tenham de ir pela rua, pedindo esmola para comer?

Mal acabara de falar, chegaram vários pobres, pedindo um pouco de pão para comer. E ela, toda nervosa, foi logo falando:

-Podem ir embora. O pão acabou todo. Não tem mais nada em casa!

O marido, no fundo da casa, escutou a mulher falando que não havia mais pão em casa. E ele disse,



Luquésio distribui pão e esmolas.

muito tranqüilamente:

-Olha na dispensa! Lá no armário tem pão!

-Não senhor, respondeu ela. Não há mais nada!

Nem um pedacinho!

E já foi falando com os pobres, toda irritada:

-Vão dando o fora! Hoje não tem nada!

-Mas o que é isso, Buona? É Deus quem nos envia os pobres. Eles são os prediletos de Deus. É preciso cuidar bem deles! Vai pegar o pão na dispensa, e dá prá eles!

Aí Buonadona foi verificar na dispensa, para certificar-se de que não havia mais pão!

Mas, ao abrir o armário, teve uma surpresa enorme! Ele estava cheio de pão! E pão fresquinho! E ela não se conteve e exclamou:

-O que é isso, Luquésio? Onde veio esse pão?

Luquésio foi lembrando o Evangelho:

-“Olhai as aves do céu: Não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?...Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo”(Mt.6,26 e 33).

Buonadona, tremendo de emoção e com o rosto transtornado de vergonha e de alegria, foi pegando desse pão, encheu um grande saco e correu até a porta, chamou os pobres e deu a cada um vários pães. Depois correu de volta e foi cair nos braços do marido. Não houve palavras entre eles; apenas lágrimas e sorrisos. Eles se amavam tanto, que expressaram tudo num longo e caloroso beijo.

5. E AGORA... COMO FICA?

A conversão de Buonadona foi um trabalho lento da Graça. Mas também “Luquésio, como bom marido, fez um trabalho maravilhoso com sua esposa. Rezou muito com ela e por ela e, principalmente, teve muita paciência para esperar o momento da graça. E esse momento afinal chegou e, foi maravilhoso! Aí os dois foram andando juntos, no verdadeiro amor cristão, na pobreza franciscana e na mais impressionante harmonia conjugal. Distribuíram todos os seus bens aos pobres e descobriram a mais profunda alegria evangélica na vivência do seu carisma franciscano”(Cfr. Cadernos Franciscanos, 1996.nº 4, pág.9).

Não sabemos quando e nem como, mas os dois filhos do casal haviam morrido. O senhor os chamou a si. Aí puderam dizer com Jó:

-“O senhor deu, o senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor”(Jó 1,21).

Souberam também viver o fato de maneira positiva. Dedicaram-se plenamente a Deus e ao serviço do Reino, especialmente ao serviço dos pobres e doentes. A exemplo de Francisco, liam juntos a palavra de Deus, sobretudo o Evangelho, “que guardavam e meditavam em seu coração”(Lc.2, 19).

Os dois começaram a dedicar o seu tempo integral aos pobres, doentes e sofredores. Luquésio ia pelas ruas e visitava os hospitais. Queria cuidar de todos os doentes. E Buonadona recebia os pobres e até doentes em casa. Chegava a tratar os doentes na própria casa. Por fim o casal ficou apenas com um pequeno quatinho para dormir. O resto da casa virou hospital.

Por toda parte havia camas, em que estavam doentes, inválidos e feridos. De manhã cedo, os dois primeiro rezavam juntos o seu Ofício e outras orações. Iam depois até a igreja dos Frades Menores, onde participavam da Eucaristia. Em seguida já iam para o seu trabalho habitual: Luquésio ia com o seu jumentinho para a rua, distribuindo o pão aos pobres. Buonadona atendia os doentes em casa. Lá ela recolhia os mendigos e estropiados, órfãos e meninos pobres. Dava-lhes de comer, tratava-lhes as feridas purulentas e lhes ensinava a oração e as verdades da fé.

Luquésio ainda encontrava tempo para ajudar os Frades na reforma da igreja. A exemplo de Francisco, fez-se pedreiro, ajudando a restaurar a igreja da sua paróquia.

A vida conjugal de Luquésio e Buonadona, com tanta caridade que praticavam se ia enriquecendo e aprofundando rapidamente. Viviam a verdadeira harmonia conjugal. Amavam-se tão profundamente que chegavam a se perguntar, se isso não era exagero!

Outras vezes surgia um questionamento muito sério sobre a sua vivência matrimonial: será que Deus não quer um sacrifício total, separando-nos para vivermos uma consagração plena a Ele como religiosos, fazendo votos?

Seria um sacrifício inimaginável, para eles dois, que tanto se amavam! "Será que agüentariamos", perguntavam-se!? Será que nossa plena santificação exige esse sacrifício?...

Um dia aparece por lá o próprio Francisco. Como sempre, fazendo as pregações, para o povo. E muitas pessoas casadas iam conversar com ele, inclusive Luquésio e Buonadona. E perguntavam: Nós

poderíamos entrar na sua “forma de vida”, eu sendo Frade e minha esposa tornando-se Clarissa?

Francisco perguntava então a eles: Vocês têm filhos? Quem vai cuidar deles? E para santificar-se não precisa ser Frade ou Clarissa! O casamento bem e santamente vivido, santifica da mesma forma as pessoas como a vida religiosa! E falou com eles então:

-“Não tenham pressa e não se vão embora! Eu vou organizar uma forma de vida para vocês que vai garantir a salvação de todos vocês”(Cfr.Fioretti, 16).

Então Francisco pensou em criar a sua Terceira Ordem para todos poderem salvar-se. E seguiu para um lugar entre Cannara e Bevagna, perto de Foligno. Mas lá chegaram tantos passarinhos, principalmente



Francisco entrega a Regra da O.F.S

andorinhas, que ele não conseguia pregar, por causa do canto delas. Pediu então a elas que fizessem silêncio e escutassem a palavra de Deus!

Todas elas, imediatamente, começaram a sentar-se nas árvores e no chão, ao redor do santo. Ele fez-lhes uma bela pregação, dizendo que louvassem muito o Pai que as alimenta, dá-lhes o ar para poderem voar e palha abundante para fazerem os seus ninhos! E todas aquelas aves ficaram escutando em silêncio e ... biquiabertos!

E quando ele parou, ficaram esperando. Não foram embora enquanto Francisco não deu a elas a sua bênção. Então foram voando, formando no ar uma bela cruz na direção dos quatro pontos cardiais. E foram sumindo ao som do seu alegre canto, numa grande sinfonia dos mais variados sons e chilreios, que se espalhavam pelos quatro ventos...



Luquésio e Buonadona foram para casa, numa alegria que quase não dava mais para conter! Comentaram a enorme graça de agora terem uma forma de vida própria, com a qual poderiam ser seguidores de Francisco e se santificarem plenamente como franciscanos seculares.



6. UMA REGRA DE VIDA

Pouco tempo depois Francisco voltou para Foligno e Cannara. E, como da primeira vez, e como sempre acontecia, juntou-se ali muita gente. Também Luquésio e Buonadona foram para lá. Mas desta vez levaram vários casais amigos, que já estavam tentando viver esta nova forma de vida, de "irmãos e irmãs da penitência, que continuam vivendo em suas próprias casas" (Cfr. "A Mais Antiga Regra da Ordem Terceira", Prólogo).

Ao vê-los, São Francisco logo reconheceu Luquésio e a esposa. E eles apresentaram os outros casais que também queriam viver a nova forma de vida.

Francisco alegrou-se muito e disse a eles:

-Tenho uma boa notícia para vocês. Com uma grande ajuda do cardeal Hugolino, preparamos a "Regra de Vida" para vocês. É simplesmente uma **forma de vida evangélica**. Ela servirá para vocês se santificarem no mundo, sem ser do mundo, mas levando o Evangelho para o mundo. Os pontos principais são os seguintes:

-Vocês serão uma verdadeira Ordem de leigos penitentes, que simplesmente continuam vivendo em suas casas.

-O compromisso, "um propósito de penitência evangélica", é o conteúdo fundamental desta Regra.

-Vocês se comprometem a ser mensageiros da paz, por isso não podem usar armas e nem fazer juramento de fidelidade aos senhores feudais.

-Se não puderem "rezar os salmos que a Igreja reza, rezem ao menos os Pai-nossos, indicados para os que não sabem ler".



Luquésio e Buonadona.

-Que participem da Missa freqüentemente, se possível todos os dias.

-A fraternidade deve reunir-se todos os meses e ter um Frade Menor para exortá-los à penitência e confirmá-los na perseverança e na prática das obras de caridade.

-Cuidem bem dos irmãos doentes da fraternidade para que eles tenham ajuda espiritual e o que for necessário para a saúde.

-Para o governo da fraternidade escolham um ministro ou ministra.

E Francisco pediu que depois providenciassem uma cópia do texto todo da Regra. Por meio dela podem levar uma vida de perfeição, igual à dos Frades Menores e das Clarissas, vivendo, como eles e elas, a mesma "forma de vida evangélica".

O Papa Honório III, no dia 16 de dezembro de 1221, aprovou esta Regra, por meio do Breve "Significatum est Nobis"(Cfr. "Os Escritos de São Francisco de Assis", Vozes 1970, pág. 132).



7. A VIDA DE ORAÇÃO

Luquésio e Buonadona progrediram rapidamente no caminho da vida espiritual. Iam todos os dias participar da missa, na igreja dos Frades Menores. Freqüentemente iam também confessar-se. E a oração do Ofício Divino celebravam juntos, também todos os dias. Muitas vezes participavam da oração das Matinas, de manhã cedo, com os Frades, na igreja.

Além disso, tinham as suas horas de oração individual. Como franciscanos seculares, imitavam a oração de Francisco, que "já não era mais um homem que rezava, mas a própria oração feita homem"(cfr. II Cel.,94).

Luquésio chegara à oração de união profunda com Deus. Uma noite ele foi, como fazia mais vezes, acompanhar a oração do Ofício Divino dos Frades. Terminadas as Completas, os Freis entraram no convento e Luquésio ficou na igreja. Já havia escurecido, mas ele nem se deu conta disso. Continuou em oração. O irmão encarregado de fechar a igreja, ficou esperando. E Luquésio nem se mexia.

Por fim começou a preparar tudo para a missa do dia seguinte. E, de volta e meia, olhava para ver se Luquésio se levantava para sair. Mas nada! Estava firme, imóvel, sem nem mexer os lábios!

O irmão puxou então um banco, deixou cair um livro... E Luquésio parado! Parece que não ouviu nada!

E foi então até pertinho dele. Tossiu duas vezes. E Luquésio continuou como se fosse um cadáver.

Puxou então, levemente, o braço dele e o chamou: Luquésio! Mas ele não respondeu e nem reagiu.

Quando o irmão olhou bem, viu que Luquésio estava suspenso do chão. Os joelhos não encostavam no banco. Estava mergulhado em oração extática.

Aí o Frei ficou todo atrapalhado. Não sabia o que fazer, pois precisava fechar a igreja. Resolveu então puxar com mais força o braço dele. Até que, por fim, Luquésio mexeu-se um pouco e abriu os olhos. Aí falou delicadamente a ele:

-Já é tarde. Preciso fechar a igreja. Está na hora de ir dormir.

Luquésio levantou-se, olhou ao seu redor... Parece que não sabia bem onde estava. Aí perguntou:

-O que houve? Onde estamos?

-Estamos aqui na igreja. E está na hora de fechá-la. É hora de dormir!

Só aos poucos Luquésio foi "voltando à terra". Se

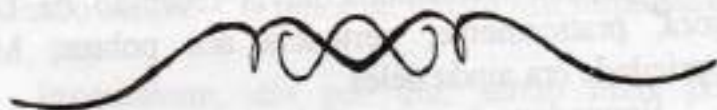


B. LUQUÉSIO

desculpou por ter dado este incômodo ao irmão. Despediu-se, e voltou para casa.

O irmão começou a fechar a igreja, só pensando em seu íntimo:

-“Temos um santo entre nós. Hoje conheci um santo!”



8. REALMENTE POBRES.

Luquésio e Buonadona viviam na verdadeira pobreza. Tinham só a casa em que moravam, e uma horta, que cultivavam para dar tudo aos pobres. Da casa usavam só um pequeno quarto para dormir. O resto se tornara um verdadeiro hospital para cuidar dos doentes, estropiados e feridos.

A exemplo de Francisco, viviam um generoso espírito de mortificação. Principalmente o jejum e a abstinência. Para isso faziam quatro quaresmas anuais: uma para o Natal, outra para a Páscoa, uma terceira para Pentecostes e a Quarta para a festa de São Martinho. E depois da canonização de Francisco, acrescentaram ainda uma quinta, para preparar a festa do santo.

E jejuavam, conforme as normas da Igreja daquele tempo, nas quartas e sextas-feiras. Mas Luquésio era de espírito prático. Se estivesse na casa de alguém, e ofereciam carne na refeição, ele comia tranqüilamente. Punha em execução a orientação de

Francisco, de acordo com o Evangelho: -“E, conforme ó Santo Evangelho(cfr.Lc.10, 8) seja-lhes permitido comer de todas as comidas que lhes forem servidas”(Rnb 3, 15).

Luquésio e Buonadona tornaram-se verdadeiros modelos de pobreza. Suas roupas eram simples e pobres e nada mais possuíam, além da casa e a horta. A casa era a herança que Buonadona havia recebido da família. Agora, praticamente, pertencia aos pobres. Mas, a propriedade era ainda deles.

Buonadona às vezes dizia para Luquésio:

-“Um dia, quando formos velhos, precisaremos dela, para o nosso descanso!”

Luquésio não respondia nada. Amava profundamente a esposa. Observava pacientemente o caminho da graça na pessoa dela.

Um dia, no verão de 1227, Buonadona surpreendeu o marido com a sua decisão:

-“Os meus tios Loteringio e Guido querem comprar a minha casa. O que você acha? Vamos vendê-la?”

E refletindo, disse ela:

-Assim ficará em família.

E Luquésio concordou plenamente: -“Assim seremos também pobres realmente!”

Foram morar então numa casinha muito simples e pobre, que ficava na pequena propriedade de apenas quatro hectares que tinham.

O dinheiro da venda da casa foi integralmente dado aos pobres. Então puderam alegrar-se e dizer:

-Dona Pobreza mora conosco!



9. O BOM SAMARITANO

Luquésio e Buonadona não se permitiam ficar parados. Sentiam o estímulo forte do Espírito Santo para crescer sempre mais e entregar-se cada vez mais plenamente a Deus e ao serviço do reino. Sentiam o que São Paulo sentia: -“O amor de Cristo nos impulsiona”(II Cor.5, 14).

Procuravam, dia por dia, serem mais pobres, desapropriando-se de tudo, externa e internamente. Frequentemente eles mesmos tinham que pedir esmolas para poderem alimentar-se.

A oração ocupava cada vez mais, espaço em sua vida. Era a vivência sacramental, o Ofício Divino, que muitas vezes rezavam junto com os Frades, e longo tempo de oração pessoal. Tinham chegado a uma profunda vida contemplativa.

E continuavam também, com sempre maior entusiasmo, o serviço dos pobres e doentes. Mesmo que agora morassem numa casinha pobre e pequena, mas havia sempre lugar para nela cuidar de algum doente ou necessitado. Luquésio ia todos os dias pelas ruas, fazendo a distribuição de pão e recolhendo algum mendigo ou doente.

A propósito disso as crônicas contam um fato “milagroso”:

-Um dia Luquésio topou na rua com um homem deitado no chão. Aproximou-se e viu que era um homem cheio de feridas mal cuidadas e ele todo mal cheiroso. E estava passando mal.

Luquésio foi ajeitando o homem nos seus ombros e, todo encurvado, saiu carregando o doente. Um pouco

adiante encontrou-se com um grupo de rapazes e um deles foi logo falando:

-Ô cara, não está vendo que é o diabo que você está carregando? Olha a cara dele! Satanás em pessoa!

-Olha meu amigo, não fala assim para Deus não castigá-lo! Quem eu estou carregando é Jesus Cristo! Ele mesmo diz: -"O que fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes"(Mt.25, 40).

O rapaz soltou uma gargalhada, abriu a boca e ia falar outra blasfêmia, mas a voz não saiu e a língua ficou dura. O rapaz estava mudo!

Aí ele se apavorou. Jogou-se diante de Luquésio e, de joelhos, pedia, com sinais, que Luquésio rezasse para Deus perdoá-lo, que nunca mais faria isso!

Luquésio rezou então a Jesus por ele, dizendo:

-"Senhor Jesus Cristo, que no alto da Cruz pedistes por vossos carrascos; eu Vos peço por este jovem que, sem refletir, blasfemou com a boca, que se abriu para blasfemar, reabra-se para vos louvar e agradecer".

Neste exato momento a língua do rapaz soltou-se de novo. E pedia que Luquésio também o perdoasse e que ele, de agora em diante, seria um bom cristão!

Este é um dos milagres atribuídos a Luquésio.



Naquele tempo estourou um surto de malária na região pantanosa de Maremma, perto do mar. Luquésio falou a Buonadona que sentia um claro apelo de Deus para ir socorrer os doentes daquela região. E Buonadona apoiou a idéia do marido.

Luquésio, que já não tinha mais bens, pediu um burrinho emprestado e começou os preparativos para a sua viagem apostólica. Arrumou remédios, comida e roupa. Carregou tudo no jumentinho e saiu.

O trajeto era de mais ou menos 80 quilômetros. O burrinho estava sobrecarregado, por isso Luquésio tinha de andar a pé, ao lado do jumento. Assim viajaram durante dois dias.

Luquésio foi percebendo que o burrinho já estava cansado. Aí ele o foi animando:

-Irmão burrinho, um dia, muitos anos atrás, um irmãozinho seu teve a honra de carregar o Senhor do céu e da terra e sua Mãe, de Belém até o Egito. E diz que ele não ficou cansado nesta longa viagem. Peço a este mesmo Senhor que ajude você e que não se canse! Aí o dócil animal zurrou de um jeito que mais parecia uma risada de muita alegria. E foi até caminhando mais depressa!

Luquésio saudava as pessoas que ia encontrando pelo caminho, dando sempre um grande sorriso e dizendo a eles: **PAZ E BEM!**

As pessoas estranhavam o cumprimento inusitado. Mas Luquésio explicava: Deus é a paz e todo bem. Eu peço que vocês recebam d'Ele esses dois dons essenciais. Então as pessoas se alegravam muito, recebendo essa saudação toda diferente.



Depois de dois dias de caminhada, Luquésio com seu irmão burrinho, chegaram a Maremma. E ele pôde



Bem-aventurado Luquésio, roga por nós.

logo verificar que o problema da malária estava muito sério naquela região toda. Doentes lotando os hospitais, perambulando pelas ruas e totalmente desamparados.

Ele começou pelas ruas. Dava comida e remédio aos que estavam em pior estado. Alguns iam morrendo porque já não tinham mais condições de resistir. Estes ele pegava nas costas e ia providenciar sepultamento. Outros ele punha no burrinho e levava ao hospital. Às vezes tinha de lutar muito para conseguir interná-los,

porque os hospitais estavam superlotados.

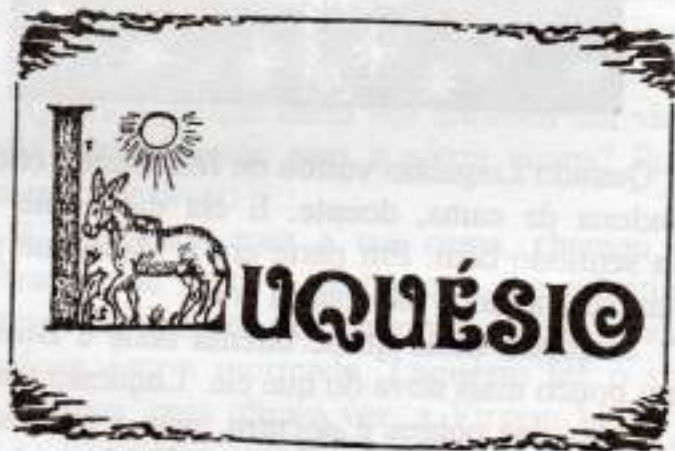
Ele ficou fazendo, por vários dias, esse trabalho de bom samaritano. O seu estoque de remédios e comida, que tinha trazido, já se havia esgotado. Ai ele foi mendigar a ajuda para os doentes. Fazia verdadeiros milagres para ajudar, e muitos melhoravam mesmo e se recuperavam.

O resultado quase imediato foi o carinho do povo de lá para com o seu bom samaritano que apareceu. Todos o chamavam de irmão Luquésio. Ou simplesmente de "o irmão".

Quando souberam que "o irmão" ia embora, já começaram a insistir para que ficasse. Que precisavam demais dele!

Luquésio respondia:

-Vou juntar de novo remédios e comida, e já voltarei logo. Assim voltou a Paggibonsi.



10. SEMPRE UNIDOS, COMO NA VIDA ASSIM NA MORTE.



Quando Luquésio voltou de Maremma, encontrou Buonadona de cama, doente. E ela disse que não se estava sentindo bem. Em parte era a idade que pesava, mas também a saúde não estava boa.

Luquésio tinha quase oitenta anos e Buonadona era um pouco mais nova do que ele. Luquésio ainda saía para cuidar dos pobres e doentes, mas a sua esposa já não dava mais conta. E Luquésio cuidava dela com muito amor e carinho, enquanto conseguia, pois também ele estava doente.

No dia 28 de abril de 1260 Buonadona chamou o marido para junto dela e lhe disse:

-Meu bem, parece-me que o momento da morte se aproxima. É Deus quem me está dizendo isso, no íntimo do coração. Seria bom chamar o guardião do convento, Frei Hildebrando, que é nosso confessor.

Aí Luquésio percebeu que ela estava piorando muito. Respirava com muita dificuldade. Por isso apressou-se e foi chamar o Frei Hildebrando.

Quando o Frei chegou Luquésio já tinha preparado tudo no quarto para Buonadona receber o viático e a Unção dos Enfermos.

O franciscanólogo Omer Englebort, da O.F.S., conta muito bem o momento final desse casal de santos:

-“Deus fez com que esses esposos, que foram muito unidos em vida, permanecessem unidos na morte. Em abril de 1260 Luquésio teve de ficar também de cama. Buonadona recebeu o viático e a Unção dos Enfermos. Esse momento tocou tanto o marido, que a doença dele agravou-se. Assim mesmo conseguiu levantar-se para ajudar e dar forças à esposa. Pegou na mão dela e disse:

-Querida, já que tanto nos amamos em vida, por que não vamos juntos para a pátria eterna? Por isso, espera-me, por favor!

E ele voltou para a sua cama, chamou o Frei Hildebrando de volta e pediu que lhe administrasse também o sacramento dos enfermos. Vendo então que Buonadona estava morrendo, Luquésio fez o sinal da cruz, invocou, pela última vez, a Virgem Maria e São



Francisco e, os dois juntos, entregaram sua alma a Deus" (Omer Englebert, "Vida de San Francisco de Asis", Santiago do Chile, 1973, pág.316).

O papa Inocência XII, em 1694, beatificou os dois. É o primeiro **casal franciscano** que recebeu a honra dos altares. São os **bem-aventurados Luquésio e Buonadona**.



ÍNDICE

	Página
Vida de Luquésio e Buonadona.....	01
O "ABC" do amor.....	31



EQUIPE RESPONSÁVEL

Diretor: Frei Urbano Plentz, O.F.M.
Orientação Jurídica: José Carlos de Andrade, O.F.S.
Secretária: Rose Mary Bispo Pio, P.F.F.
Digitação: Margarida Maria Pacheco
Diagramação: Frei Urbano Plentz, O.F.M.
OFF-SETT: Gráfica do Colégio Santo Antônio